

A identidade docente na educação de pessoas jovens e adultas: um olhar para as trajetórias de professoras/es de biologia

The teaching identity in the education of young and adult people: a look at the trajectories of biology teachers

Resumo

Este artigo pretende discutir a identidade docente de professoras/es de biologia atuantes na educação de pessoas jovens e adultas. Buscamos, por meio de uma revisão da literatura e de uma investigação empírica, elementos que subsidiem o debate sobre a identidade docente e sua relação com a formação de professoras/es no contexto da educação de pessoas jovens e adultas, modalidade historicamente marcada pela ausência de políticas públicas efetivas e composta em sua maioria por pessoas que vivem às margens dos processos de transformação social. Analisamos documentos legais, referenciais teóricos e entrevistas realizadas com quatro docentes de biologia atuantes na educação de pessoas jovens e adultas da rede estadual paulista de ensino. Os resultados apontam que a formação para atuar na modalidade ocorreu, majoritariamente, conforme a prática docente era vivenciada, compondo um dos elementos que contribuem fortemente para a construção da identidade com essa modalidade de ensino.

Palavras chave: educação de pessoas jovens e adultas, identidade docente, formação de professoras/es, professoras/es de biologia.

Abstract

This article intends to discuss the teaching identity of biology teachers involved in the education of young and adult people. We seek, through a review of the literature and an empirical investigation, elements that subsidize the debate about teacher identity and its relation with the formation of teachers in the context of education of young and adult people, a modality historically marked by absence of effective public policies and composed mostly by people living on the margins of social transformation processes. We analyzed legal documents, theoretical references and interviews with four biology teachers who teach in the education of young and adult people of the State of São Paulo. The results shows that the training to act in the modality occurred mainly as the teaching practice was experienced, composing one of the elements that contribute strongly to the construction of identity with this modality of teaching.

Key words: education of young and adult people, teaching identity, teacher training, biology teachers.

Introdução

A expressão “educação de jovens e adultos” (EJA), no Brasil, designa uma modalidade da educação básica regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996

(LDB), (BRASIL, 1996). Porém, nesse texto utilizaremos a expressão “educação de pessoas jovens e adultas” para nos referirmos à mesma, conforme usada em outros países da América Latina e do Caribe, a exemplo de Pereira (2009). Tal opção justifica-se pela inclusão e respeito às diversidades geracional e de gênero.

Nesse sentido, compreendemos essa modalidade como aprendizagem ao longo da vida, que pretende romper com a polarização entre idade e educação. Esse olhar é motivado pelo fato de que muitas pessoas jovens e adultas não encontraram a acolhida às suas necessidades no modelo escolar e acabaram por abandonar esse espaço. Conforme Pereira (2009, p. 20), parcela significativa dessas pessoas “sofreram exclusão cultural, econômica e social e, muitas vezes, passaram a desacreditar na sua capacidade de aprender, de participar, de fazer e refazer suas vidas [...]”.

A educação de pessoas jovens e adultas é um campo de atuação profissional docente. Nesse sentido, ao assumir-se enquanto professora/or e escolher, conscientemente, por um curso que a/o habilite para o exercício da profissão, o sujeito inicia o desenvolvimento de sua identidade docente (PEREIRA; FONSECA, 2001). Nóvoa (2013) discorre sobre o ser professora/or e conclui que a construção da identidade docente é um processo complexo e contínuo, perpassado por experiências pessoais e profissionais.

Ao pensarmos formação e identidade docente no contexto da educação de pessoas jovens e adultas, é fundamental o desenvolvimento de um olhar crítico das/os professoras/es em relação a complexidade e especificidades das práticas pedagógicas para essas/es estudantes.

Assim, apresentamos os resultados de uma investigação realizada com professoras/or de biologia que atuaram nessa modalidade de ensino, buscando discutir elementos ao longo de suas trajetórias profissionais que contribuíram na construção de suas identidades como docentes da mesma.

A formação e identidade docente na educação de pessoas jovens e adultas

A LDB de 1996 aponta que as instituições de educação superior mantenham cursos formadores de profissionais, programas de formação pedagógica para portadoras/es de diplomas de educação superior e programas de educação continuada para atuar nas diversas etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 1996). Já as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a educação de pessoas jovens e adultas e as DCNs para a formação inicial e continuada em nível superior¹ estabelecem o desenvolvimento de práticas educativas apropriadas às situações de aprendizagem dessas/es estudantes (BRASIL, 2000). Logo, tais documentos apontam para a existência de espaços de formação de docentes para a educação de pessoas jovens e adultas nas instituições de educação superior.

Para Camargo (2013), embora os documentos legais apontem para a necessidade desses espaços formativos, cursos de pedagogia e de licenciatura com disciplinas voltadas para essa modalidade de ensino são escassos. Para Di Pierro (2003), de 1.306 cursos de pedagogia em funcionamento no Brasil, apenas 16 (1,22%) ofereciam habilitação em educação de pessoas jovens e adultas, enquanto em outras licenciaturas, como química, biologia, dentre outras, essa formação praticamente inexistia no currículo.

¹ O Parecer da Câmara de Educação Básica nº 11/2000 promulgou as DCNs para a educação de pessoas jovens e adultas. Em 2015, o Conselho Nacional de Educação definiu as DCNs da formação em nível superior para licenciaturas, formação pedagógica para graduadas/os e segundas licenciaturas. Ambas apontam para a promoção de uma formação das/os profissionais do magistério que atendam as especificidades das diferentes etapas e modalidades de educação básica.

No contexto da formação das/os professoras/es de ciências e biologia para atuação na educação de pessoas jovens e adultas, pesquisas apontam a ausência e/ou escassez no que se refere tanto a literatura quanto as/aos profissionais de ensino de ciências e biologia para essa modalidade; resultando na dificuldade das/os docentes no processo de ensino e, conseqüentemente, adaptações malfeitas de propostas e materiais didáticos do ensino regular para essa modalidade (SANTOS et al., 2012; VILANOVA, MARTINS, 2008; BÄR et al., 2017; SANTOS, GUIMARÃES, 2017).

Diante de um cenário vulnerável de políticas públicas para a formação docente nessa modalidade, são interessantes as questões apresentadas por Nóvoa (2013, p.16): “Como é que cada um [e cada uma] se tornou no professor [e na professora] que é hoje? [...] De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso da vida profissional de cada professor [e professora]?”; questões que aproximam formação e construção da identidade docente, auxiliando no entendimento do processo formativo como espaço de apropriação e construção dessa identidade. Para o desenvolvimento desse movimento identitário, o autor discorre sobre três elementos: adesão, ação e autoconsciência.

A adesão é compreendida no sentido de que ser docente é aderir a determinados valores e princípios. Já a ação é influenciada pelas nossas vivências pessoais e profissionais, que auxilia-nos a entender e escolher as maneiras mais coerentes e efetivas de agir ao longo dos processos de ensino e aprendizagem. Por fim, a autoconsciência é o pensamento reflexivo interligado com nossas práticas pedagógicas (NÓVOA, 2013). Logo, a construção da identidade docente é um processo dinâmico em que tanto a formação quanto a própria prática garantem elementos para sua constituição.

Percurso metodológico

Optamos por uma pesquisa qualitativa que “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” (MINAYO, 2002, p.22). Assim, os principais aspectos dessa investigação compreenderam levantamento bibliográfico e investigação empírica.

Para tanto, buscamos, em novembro de 2016, por escolas públicas estaduais em uma cidade do interior paulista, as quais tivessem a oferta da educação de pessoas jovens e adultas. Entre as 6 escolas encontradas (dentre 34), obtivemos o aceite por parte de quatro docentes de biologia. Utilizamos entrevistas semiestruturadas, orientadas a partir de um roteiro com questões abertas relacionadas à trajetória docente, a formação (inicial e continuada) e a experiência com educação de pessoas jovens e adultas, o qual foi compartilhado previamente com as/os docentes.

Com as transcrições realizadas, realizamos a análise de conteúdo, baseada na identificação de palavras ou expressões chaves que consideramos sintetizar a percepção das professoras e do professor acerca dos temas (MORAES, 1999). Assim, procuramos produzir subsídios que fomentem o diálogo sobre a construção da identidade da/o docente de biologia na educação de pessoas jovens e adultas.

Apresentação e discussão dos resultados

As professoras Maria², Vera e Eunice e o professor José Carlos, são licenciadas/o em Ciências Biológicas e atuam como docentes de biologia na rede estadual de São Paulo. O início de suas

² Nomes fictícios.

trajetórias nessa modalidade de ensino ocorreu por meio do processo de atribuição de aulas. Todas/o destacaram a falta de formação inicial e continuada específica, sendo que, segundo as/o professoras/or, a mesma ocorreu conforme vivenciaram a docência com as classes de pessoas jovens e adultas. Sobre o tema, trazemos as falas de duas professoras:

Então nem no curso de formação [continuada], nem na minha graduação tive nenhuma parte específica sobre jovens e adultos, nada. [...] quando eu entrei, [...] não tinha nem ideia de como era dar aula no EJA. Não fazia a mínima ideia. (Professora Maria).

Não tive uma [disciplina] específica de EJA. [...] E você aprende muito mais do que fazendo curso, não é? [...] É muito mais na prática [a formação]. (Professora Vera).

Santos et al. (2012) indicam a relevância da formação da/o docente de biologia para atuar nessa modalidade de ensino. Mas, como a professora Vera aponta, ainda há uma discussão sobre a necessidade de uma formação específica para as/os professoras/es, com questões sobre quais seriam as necessidades formativas para a/o docente da educação de pessoas jovens e adultas ou se uma disciplina seria suficiente para tratar todas as necessidades formativas para a/o docente de biologia atuar nessa modalidade (SANTOS et al., 2012).

Encontramos nas entrevistas um sentimento de afinidade, de preferência e desejo para atuarem na educação de pessoas jovens e adultas, segundo explicitados pelo professor José Carlos e pela professora Eunice:

[...] eu peguei [classes de educação de pessoas jovens e adultas], e para minha surpresa, sempre foi uma experiência extremamente gratificante. [...] É uma experiência que no início assim, ela desperta uma certa [...], como é a palavra? Você desenvolve um grande carinho para as turmas do EJA, se é que cabe essa palavra, entendeu? (professor José Carlos).

Eu acho que o EJA é muito rico, o pessoal acha que não, eu acho [...] eu, particularmente, se eu pudesse, eu só dava aula para o EJA. (professora Eunice).

Nóvoa (2013), Pereira e Fonseca (2001) afirmam que a identidade docente não é definitiva, mas se constitui como processo de construção e reconstrução, pois cada experiência e contexto apresentam novos elementos para a mesma. Nesta pesquisa, compreendemos a afinidade e a afetividade como elementos que contribuíram para a identidade dessas/e docentes com a educação de pessoas jovens e adultas.

Entendemos ainda que a partir da inserção dessas/e professoras/or nessa modalidade de ensino, outros princípios da identidade docente podem ser identificados com vistas a serem referências para a atuação de profissionais de ensino no campo da educação de pessoas jovens e adultas, conforme as/o participantes:

[...] a sala do EJA, ela é complexa, não é? [...] quando você pensa essa questão do aprendizado. Às vezes tem aluno de EJA assim adultos que não desenvolvem nenhuma dificuldade na questão de interpretação de um texto, de acompanhar o seu discurso e você tem alunos que [...] não consegue acompanhar o seu discurso, eles acabam assim se perdendo, então, às vezes, a necessidade de você pausar a sua fala, de você interagir com o aluno o tempo todo, perguntando se ele realmente está entendendo o que você está falando. (professor José Carlos).

[...] você consegue se expressar melhor falando ali, escrevendo, às vezes, a vivência do aluno, são alunos que trabalham, trabalharam em indústria, então sabem mexer com produto químico, às vezes, não sei o quê, e eu nem

eu sei, então, eu aprendo muito com o aluno também, muito, a gente aprende muito. [...] (professora Eunice).

É possível reconhecermos alguns princípios essenciais do ser docente na educação de pessoas jovens e adultas, como a percepção das habilidades e dificuldades distintas dessas/es estudantes e a importância da contextualização do conteúdo sistematizado com a realidade das/os estudantes.

Também destacamos a fala a seguir, em relação aos estereótipos que marcam a educação de pessoas jovens e adultas, os quais acabam por caracterizá-la com sentimentos de inferioridade e incapacidade, e assim, influenciar o processo de ensino e aprendizagem dessas pessoas.

[...] eu acho que o professor tem que se destituir um pouco de alguns preconceitos que eventualmente a gente pode trazer por conta da nossa própria formação e às vezes da nossa própria condição social. EJA geralmente você atende uma população mais pobre, trabalhadora n/é? [...] Você tem que se destituir desses preconceitos, entender o seu aluno como um outro, não é? (professor José Carlos).

Logo, compreendemos outros princípios fundantes da identidade das/o docentes nesse contexto: o respeito e o olhar crítico. O respeito e o entendimento da prática educativa enquanto prática política são essenciais à experiência formadora e transformadora das/os estudantes, em que ao considerar as condições as quais essas pessoas jovens e adultas vêm existindo e reexistindo, e construir uma leitura crítica do mundo, em que a posição de neutralidade não convém para uma educação transformadora, a/o professora/or desenvolve um processo identitário docente crítico, coerente e ético (FREIRE, 2007, 2010).

Apontamos a articulação entre a educação de pessoas jovens e adultas, a formação e a identidade docente relevante ao percebermos nas trajetórias mencionadas a ausência de discussões sobre essa modalidade na formação dessas/e professoras/o e a presença de elementos identitários docentes para a atuação na mesma, construídos ao longo de suas experiências.

Considerações finais

Consideramos fundamental e urgente fornecermos subsídios para a discussão sobre a identidade docente no contexto da educação de pessoas jovens e adultas, tendo em vista o cenário relativo a essa modalidade de ensino, principalmente associado à formação docente. Nóvoa (2013), Pereira e Fonseca (2001) contribuem para compreendermos a formação e a prática docente enquanto espaços de produção de saberes e do desenvolvimento da identidade docente.

No entanto, baseado nas trajetórias das/o docentes de biologia envolvidas/o na investigação e no entendimento da educação de pessoas jovens e adultas como uma modalidade complexa e diferenciada, com demandas e características próprias; destacamos a ausência da formação docente específica e o fato de que a experiência prática acabou por ser o único espaço da construção de suas identidades com essa modalidade de ensino. Assim, a afinidade, a aproximação, a contextualização dos conteúdos e das práticas pedagógicas, e o respeito a/ao estudante e seus saberes são elementos significativos da identidade docente com a educação de pessoas jovens e adultas.

Por fim, sendo a educação um processo permanente e contínuo para e com todas/os, e refletindo sobre a urgência de transformar a escola e, principalmente, a educação de pessoas jovens e adultas, diante do cenário político atual, é relevante nos posicionarmos em defesa de “uma educação pública de qualidade, igualitária, crítica, emancipatória, com equidade de

gênero e promoção da cultura da paz” (REIS, 2016, p. 124).

Agradecimentos

Às professoras Maria, Vera e Eunice e ao professor João Carlos, por terem contribuído com essa pesquisa e por todas/os que estão na luta por um estado democrático.

Referências

BÄR, M. V. et al. Reflexões sobre a formação do professor de ciências biológicas para atuação na educação de jovens e adultos. **Interacções**, Lisboa, v. 13, n. 44, p. 194-207, 2017.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, **Diário Oficial da União**, dez. 1996.

BRASIL. Resolução nº. 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. Brasília, **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, jul. 2000.

BRASIL. Resolução nº. 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, jul. 2015.

CAMARGO, P. da S. A. S. Formação de educadores para a educação de jovens e adultos: desafios na implementação. In: JEFFREY, D. C. (org.). **A Educação de Jovens e Adultos: Questões Atuais**. Curitiba: CRV, 2013. p. 133-154.

DI PIERRO, M. C. (coord.). **Seis anos de educação de jovens e adultos no Brasil**. São Paulo, Ação Educativa, 2003.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 8. ed. Indaiatuba: Villa das Letras, 2007. 181 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 148 p.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2013. p. 11-30.

PEREIRA, K. A. **Economia solidária e aprendizagem dialógica: práticas de participação e autogestão e necessidade de uma outra EJA**. 2009. 315 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

PEREIRA, J. E. D.; FONSECA, M. da C. F. R. Identidade docente e formação de educadores de jovens e adultos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 51-73, jul./dez. 2001.

REIS, T. Gênero e LGBTfobia na educação. In: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e informação (org.). **A ideologia do movimento Escola sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 117-124.

SANTOS, S. M. dos. et al. Silenciamentos revelados: a formação do professor de biologia para atuar na educação de jovens e adultos. In: Encontro Nacional de Didáticas e Práticas de Ensino, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Endipe, 2012.

SANTOS, S. M.; GUIMARÃES, S. S. M. A escuta na formação inicial de professores de ciências: um olhar para a educação de jovens e adultos (EJA). **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 38-50, jan./abr. 2017.

VILANOVA, R; MARTINS, I. Educação em ciências e educação de jovens e adultos: pela necessidade do diálogo entre campos e práticas. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 2, p. 331-346, 2008.